

**A mnemotécnica da cibermoral:
novas roupagens da má consciência em Nietzsche**

Rodrigo Luis Schilling*

Adilson Felicio Feiler**

Resumo: A presente investigação consiste, num primeiro momento, em uma análise do fenômeno da má consciência e de sua expressão no ressentimento, que se depreendem das intuições nietzschianas sobre a mnemotécnica; para, na sequência, aplicar tais análises sobre o fenômeno da cibermoral. Todo o conteúdo moral, marcado pela incapacidade de esquecer, produz um movimento de força reativa, incapaz de afirmar a vida. Este movimento contrário da força, sob a forma de uma verdade moral eterna, inquebrantável e inesquecível, degenera tudo o que pode contribuir para a superação e para a elevação da espécie. Na época de Nietzsche, tal fenômeno se apresentava através dos jornais com seu avanço em direção ao rebanho, hoje dispõe dos mais poderosos meios de disseminação tecnológicos, os ciberespaços, para, com maior eficácia, despertar e gravar dor e culpa.

Palavras-chave: Nietzsche, cibermoral, má consciência, ressentimento, memória.

Abstract: The present investigation consists, at first, in an analysis of the phenomenon of the bad conscience and its expression in the resentment, that derives from the Nietzschean intuitions about the mnemotechnique; to then apply such analyzes of the cybermoral phenomenon. All moral content, marked by the inability to forget, produces a movement of reactive force, unable to affirm life. This contrary movement of force, in the form of an eternal, unbreakable and unforgettable moral truth, degenerates everything that can contribute to the overcoming and elevation of the species. In Nietzsche's time such a phenomenon was present through the newspapers with its advance towards the flock, today it has the most powerful technological means of dissemination, cyberspace, to more effectively arouse and engrave pain and guilt.

Key-words: Nietzsche, cyber-moral, bad conscience, resentment, memory.

Introdução

Diante de todo o avanço tecnocientífico percebido e manifestado nas novas mídias de comunicação virtual em rede presente no atual século, como as redes sociais da

* Mestrando em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil. Correio eletrônico: rodrigo.schilling@gmail.com (*In memoriam*).

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil. Correio eletrônico: afeiler@unisinos.br.

internet, surgem novas manifestações de questões que há muito se apresentam ao homem. A expressão do ódio é uma delas e vêm sendo um problema, até então, acentuado nesse ambiente. Tanto que o fenômeno tomou tamanha proporção no campo virtual que pôde ser constatado e nomeado como discurso de ódio virtual.

Sendo assim, e nos apoiando na filosofia de Friedrich Nietzsche que desenvolvemos possibilidades de investigações sobre o tema relacionando e pretendo aproximar com questões já estudadas pelo genealogista alemão. Os pontos que acreditamos compartilhar com Nietzsche nessa tarefa especulativa se apresentam em seu estudo sobre a má consciência e suas manifestações como o excesso de memórias que produzem culpa, remorso e dor, assim como na questão do ressentimento manifestado e tendo como característica o ódio e desejo de vingança.

Portanto, nossa indagação se apresenta de forma inicial e direta contida na seguinte questão: em que medida a linguagem, manifestada pelo discurso de ódio e expressa na vida contemporânea das redes sociais virtuais não seria uma forma atualizada com uma nova roupagem da má consciência e que busca estabelecer uma mnemotécnica da dor, do ressentimento, do remorso e culpa? Visto que o discurso de ódio virtual estabelece uma relação de juízo moral ao julgar e condenar determinada manifestação seja virtual ou real. Sendo assim, esse discurso procura, por meio da manifestação agressiva e ofensiva, estabelecer uma relação de culpa, remorso e reprovação diante da ofensa manifestada, tudo isso ancorado no ódio.

Diante disso podemos levantar o questionamento se essa relação não estaria criando uma forma de memória da dor. Se antes essa relação, conforme Nietzsche, era estabelecida por diversos instrumentos que provocavam a dor física para que fosse criada a memória no *animal* responsável, agora, no ambiente virtual, essa manifestação poderia, conforme nossa suposição, ser provocada e acionada no âmbito psicológico, isto é, expressa no sentimento de culpa e remorso que é provocado. Desse modo, a linguagem se vincula aos sentimentos descritos como um meio para atingir um fim não confesso, mas perceptível, e esse fim se estrutura na violência odiosa.

Assim sendo, diante dessa hipótese, podemos levantar a questão de até que ponto a má consciência pode estar assumindo, no atual século e no ambiente virtual, marcado pelo discurso de ódio, novas formas de manifestações e representações?

Diante do exposto, nosso propósito é extrair os elementos característicos da má consciência analisado por Nietzsche e comparar com o atual fenômeno descrito, ou seja, o fenômeno do discurso de ódio virtual. Para isso, traçamos e apresentamos a relação do ódio virtual que é descrito nas redes sociais virtuais na oposição do discurso radical direcionado ao *outro*, que dá voz e une as pessoas formando uma aliança que é validada por todos aqueles que sentem o mesmo. Todavia, antes de nos arriscarmos a supormos e apresentarmos hipóteses, apresentaremos a filosofia de Nietzsche no que se refere ao tema.

Estruturamos nosso trabalho em uma sequência que busca apresentar inicialmente o tema da má consciência em Nietzsche, suas origens e desenvolvimento, seus elementos característicos e predominantes e as formas que originaram essa memória da culpa. Com isso, pretendemos aproximar ao conceito de discurso de ódio virtual que apresentaremos na sequência, destacando algumas características do fenômeno. Após isso, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

A justificativa para este foco de pesquisa se apresenta no fato de que, no atual século, percebe-se o avanço do ódio na forma de discurso simbólico. Isso tudo propiciado e possibilitado pelo avanço e progresso da ciência, mais especificamente da tecnociência e suas ferramentas, isto é, seu fruto recente, a internet: o ciberespaço em que se desenvolve um fenômeno que denominamos e conceituamos de cibernomoral¹, um espaço cibernético em que são veiculados todos aqueles conteúdos morais visando a sua disseminação entre o rebanho. Todavia, nos colocando ao final desse imenso processo da evolução científica em que aparecem especificamente as redes sociais virtuais de interação e comunicação em massa, e no qual surge o fenômeno moderno de discurso de ódio, podemos nos indagar e provocar: O que teriam essas novas tecnologias de interação

¹ A palavra cibernomoral não se encontra conceituada na língua portuguesa. Surge neste artigo como um neologismo, produzido pela junção do conceito de ciberespaço definido e entendido por Pierre Lévy como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. “O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p. 17) com o conceito de moral em Nietzsche, entendido no sentido negativo como um conjunto de preconceitos de um determinado grupo. A junção desses dois conceitos, feita pelo autor, formariam, então, o neologismo cibernomoral, que teria a intenção de significar e caracterizar um tipo de comportamento negativo, característico de determinado perfil de usuário no ambiente virtual caracterizado e marcado pelo discurso de ódio.

social fornecidas pela moderna ciência em comum com o conceito nietzschiano de má consciência?

Evidencia-se, logo de início, o propósito deste estudo, a saber, pensar a modernidade tendo como suporte a filosofia do filósofo da suspeita e que se considerava extemporâneo, ou seja, que estava fora de seu tempo. Com isso, nosso intuito é pensar e buscar na filosofia de Nietzsche o suporte e as ferramentas para se analisar problemas contemporâneos. Contemporaneidade essa que no século 21 é marcada por todo o avanço na área da ciência e que fornece ao homem diversas opções de entretenimento e ferramentas para se comunicar e interagir.

No entanto, o que tem feito o homem como todo esse avanço tecnocientífico? Isso tem promovido à ascensão da vida, ou a tem degenerado? O conhecimento científico tem se colocado a que tipo de serviço, a que tipo de força e de vontade? Certamente são perguntas amplas para se procurar por respostas, por isso nos limitaremos a analisar as manifestações de ódio nas redes sociais contidas no fenômeno do discurso de ódio virtual em relação à má consciência em Nietzsche.

Má consciência em Nietzsche: origens e desenvolvimento

De início analisaremos a questão da má consciência e seu desenvolvimento. Esse desenvolvimento que permitiu o excesso da memória que se apresenta, conforme Nietzsche, em um problema ao homem, e esse seria “o grande problema do homem”, isto é, criar um animal capaz de prometer.

Sobre a má consciência Nietzsche entende como algo que foi imposto ao animal-homem. Seu estudo retroage em busca de explicações nos primórdios, nas origens pré-históricas, nas quais a história humana não alcança, e na qual só é possível termos suposições e hipóteses. Para isso, Nietzsche trabalha e investiga sobre o conceito de memória e consciência, suas origens e surgimento; surge, então, conforme o filósofo, o *grande problema do homem: criar um animal capaz de prometer*, de ser responsável, de ser gregário, de garantir com a palavra a promessa futura de algo presente. Mas isso não foi tornado suave, sem mecanismos, dado que essa memória, em sua origem, teve de ser *escrita* pela dor, pelo castigo e punição. Com essa limitação imposta ao homem, no sentido de não poder e, posteriormente, não querer agir naturalmente motivado por seus

instintos e pulsões, que então ele se volta para dentro de si, e acaba por atacar a si mesmo, sendo o berço de nascimento da má consciência, em sua forma primitiva. De maneira gregária e ressentida, esse coletivo, que têm nessa má consciência um afeto dominante irá desprezar tudo o que for egoísta e individual, portanto, tudo que for uma ameaça ao rebanho, tendo em vista que a comunidade vale mais que o indivíduo.

Na segunda dissertação de *Para a Genealogia da moral*, Nietzsche apresenta a genealogia da *má consciência* (*schlechtes gewissen*). Em seu estudo genealógico, ele traça as origens da má consciência, seu desenvolvimento e mutações, assim como seus *afins*, como culpa, castigo e remorso. Traçando o longo processo do surgimento dessa doença o filósofo alemão irá apresentar hipóteses que remetem à pré-história humana, na qual só seria possível supor.

Portanto, analisando essa genealogia de Nietzsche, definimos essa “má consciência” como sendo a noção da culpa e de remorso. Sentimentos estes entendidos como uma acusação de si para si. De modo insistente e repetitivo, o sujeito é invadido pelo julgamento de que não deveria ter feito algo, ou deveria ter feito diferente, conforme um costume, uma norma ou uma ordem externa. Assim, “sussurra a uma voz (a voz da consciência), *não devia ou não poderia ter sido feito, praticado*. [...] que transgrediu ou violou uma norma, lei ou princípio superior transcendente”².

No fragmento póstumo do verão de 1887-8[4], intitulado *Os bons e os melhoradores*, Nietzsche trata essa internalização do homem como uma “doença”, pois

surge porque impulsos poderosos, que são negados à descarga pelo estabelecimento da paz e da sociedade, procuram ser prejudicados interiormente, em união com a imaginação. A necessidade de inimizade, crueldade, vingança, violência retrocede, “recua”; em saber é ganância e conquista; [...] os impulsos são transformados em demônios, com os quais existem lutas, etc.³

Essa constatação permitiu com que Nietzsche pudesse identificar como essa primitiva má consciência produzira no homem uma ruptura brusca e uma violenta separação com o seu passado animal. Isso resultou posteriormente, de acordo com Nietzsche, em uma relação mercantil entre credor e devedor, “que é tão velha quanto à existência de “pessoas jurídicas”, e que por sua vez remete às formas básicas de compra,

² FOGEL, 2003, p.173.

³ FP, 1887[8], KSA - XII, p. 335.

venda, comércio, troca e tráfico”⁴. No entanto, por mais que este processo que gerou a má consciência envolvesse um convite à crueldade, e por mais que fosse o propósito original, ao contrário de sua posterior transformação, ainda não estava submetido a toda a carga de “conceitos morais: ‘culpa’, ‘consciência’, ‘dever’, ‘sacralidade do dever’”⁵. Ou seja, ainda não envolvia o aspecto moral, apenas punitivo, numa espécie de contrato, no conceito de dívida e não de culpa.

Outra diferença entre origem primitiva e a variação posterior dessa má consciência, está contida na narrativa genealógica de que, primordialmente, não se castigava com o objetivo moral no sentido de querer provocar a má consciência no *outro*. Mas para corrigir o infrator, em uma espécie de relação familiar entre pais e filhos no qual os pais descontam a raiva no filho por desobediência diante de um dano. Por essa razão que, “durante o mais largo período da história humana, não se castigou porque se responsabilizava o delinquente por seu ato, ou seja, não pelo pressuposto de que apenas o culpado devia ser castigado”⁶.

Desta maneira, todo esse processo descrito permitiu o aparecimento da responsabilidade no animal domesticado que agora estará “liberto” e no qual a responsabilidade tornara-se o seu “instinto dominante”. Entretanto, como provoca Nietzsche, “– como chamará ele a esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua consciência”⁷.

Logo, foi com essa má consciência primitiva que permitiu e foi introduzida “a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem com o homem, consigo”⁸. Com isso, essa doença contraída sob imposição, de maneira brusca, e que modificou seu viver e transformou sua psique, acabou alterando todo o futuro dos homens. Eis a mudança que se abateu sobre os hominídeos quando foram trancafiados em definitivo “no âmbito da sociedade e da paz”⁹.

Esse foi o resultado de uma “violenta separação do seu passado animal, como que um salto e uma queda em novas situações e condições de existência, resultado de uma

⁴ GM, II §4, p.49, KSA -V, p. 313-14.

⁵ Ibidem, §6, p.52, KSA -V, p. 316-17.

⁶ Ibidem, §4, p. 48, KSA -V, p. 313-14

⁷ Ibidem, §2, KSA - V, p. 309.

⁸ Ibidem, §16, KSA - V, p. 337-39.

⁹ Ibidem.

declaração de guerra aos velhos instintos nos quais até então se baseava sua força, seu prazer e o temor que inspirava”¹⁰. Todo o enfraquecimento do homem juntamente com os seus instintos, permitiu com que estes pudessem viver em sociedade e em paz¹¹. Sendo assim, esse enfraquecimento aumentou tal doença, provocada, segundo Nietzsche, por um charlatanismo espiritual presente na Alemanha de seu tempo e que “tem relação com o inegável e já evidente *definhamento* do espírito alemão, [...] em uma dieta demasiado exclusiva, composta de jornais, política, cerveja e música wagneriana”¹². Nietzsche percebe como uma das causas desta situação de degenerescência presentes nos meios de comunicação da época: os jornais. Em diversas passagens ele manifesta repugnância aos jornais, qualificando-os como esterco, pasto pois reproduzem versões temerárias sobre as coisas, e ao mesmo tempo, com a pretensão de vender tais informações como verdade. O filósofo alemão percebe que, em grande parte dos juízos temerários veiculados pelos jornais da época estão associados os seus próprios textos como ele mesmo se prenuncia em seu *Ecce Homo*:

– Que eu não seja curioso das recensões dos meus livros, em especial através de jornais, deve ser-me perdoado. Os meus amigos, os meus editores sabem-no e nunca me falam de semelhantes coisas. Houve um caso particular em que deparei com tudo o que de errado se cometeu a propósito de um único livro – era o *Para além do bem e do mal*; deveria a propósito retribuir-lhe com um comentário cortês. Acreditar-se-á que a *National Zeitung* – um jornal prussiano, advirto os meus leitores estrangeiros de que, com a devida vénia, só leio o *Journal des Débats* – soube entender toda a seriedade do livro como um «sinal dos tempos», como a autêntica e correta *filosofia dos Junker*, à qual apenas faltava a proeza para o jornal de cruzada?¹³

Sensível às consequências que uma leitura temerária pode trazer sobre uma determinada realidade, principalmente quando esta é veiculada a um acesso indiscriminado ao público, Nietzsche se insurge contra estes canais informativos ingênuos e superficiais. Os mesmos disseminam toda sorte de quimeras e tartufices que só servem para acirrar o rebaixamento e a doença, tornando a memória uma caixa de ressonância de má consciência e ressentimento. Devido a essa carga de exigências impostas ao cérebro, trará como consequência diversas doenças e que serão percebidas

¹⁰ Ibidem.

¹¹ FREZZATTI. *Dic. Nietzsche*, p. 145.

¹² GM, III, § 26, KSA -V, p. 423-24.

¹³ EH, Porque escrevo tão bons livros, § 1, KSA – VI, p. 300-1.

em “problemas nervosos e psíquicos” que produzem, ao mesmo tempo “histeria, epilepsia e aumento do número de criminosos”¹⁴.

Foi devido a uma memória domesticadora e que castiga pelo sofrimento e dor que foi possível tornar o *animal/bicho-homem* responsável. Assim, permitiu o seu tornar-se humano e sua hominização. Assim sendo, acabou civilizando aquele animal no qual esquecer era algo intrinsecamente natural e de que nada podia reter em sua consciência devido ao seu “esquecimento corporificado com entendimento momentâneo”. Por isso a poderosa técnica denominada de “mnemotécnica da dor”, buscou resolver essa tarefa, a saber: “manter *presentes* nesses escravos do afeto e do desejo a cada instante um par de primitivas exigências do viver em sociedade”¹⁵.

Fazer no homem uma memória, eis a tarefa que exigiu auxílio de meios dolorosos, que criou a relação de dor e obediência, e “Tudo isso tem origem naquele instinto que divisou na dor o mais poderoso auxiliar da mnemônica”¹⁶. O que o homem chama de “alma” está na origem do processo de internalização da má consciência. Todavia, como cita em *A Gaia Ciência*, § 11, “a consciência é o último e derradeiro desenvolvimento do orgânico e, por conseguinte, também o que nele é mais inacabado e menos forte”.

Portanto, para que fosse possível atingir o êxito a essa tarefa de gravar uma memória da vontade no primitivo homem, fazendo com que, o até então *animal* selvagem pudesse prometer e responder por si no futuro foi necessário o emprego da violência, e isso de maneira instrumentalizada. Desse modo, foi feito o uso de diferentes mecanismos que ocasionasse e atrelassem toda memória à dor. Como resultado, colocou-se, com isso, entre o

primitivo “quero”, “farei”, e a verdadeira descarga da vontade, seu *ato*, todo um mundo de novas e estranhas coisas, circunstâncias, mesmo atos de vontade, pode ser resolutamente interposto, sem que assim se rompa esta longa cadeia do querer. Mas quanta coisa isto não pressupõe!¹⁷

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ BRUSSOTI, M, *apud e tradução*: GIACOIA, 2004, p.30.

¹⁶ GM, II, §3, KSA -V, p. 310-13.

¹⁷ GM, II, §1, KSA -V, p. 307.

Entretanto, todas essas “coisas estranhas” postas ao homem e que permitiu criar uma memória da vontade, uma consciência e afastar o esquecimento¹⁸, e que produziu o “indivíduo soberano” do “livre arbítrio”, fez com que ele, paradoxalmente, se esquecesse do que lhe sucedera. Logo ele não se recorda de todo o processo e dos mecanismos primitivos que produziram todos os efeitos. Por não se lembrar de tudo isto, ele então acreditará ser um livre agente, liberto para fazer escolhas, ou seja, o possuidor do livre arbítrio. Desse modo, esse “liberto” irá nivelar a existência a partir de sua perspectiva avaliadora que busca igualar todas as coisas. Assim sendo, tudo estará amparado por seu juízo de valor. Na verdade,

O homem “livre”, o possuidor de uma duradoura e inquebrantável vontade, tem nesta posse a sua medida de valor: olhando para os outros a partir de si, ele honra ou despreza; e tão necessariamente quanto honra os seus iguais, os fortes e confiáveis (os que podem prometer) — ou seja, todo aquele que promete como um soberano, de modo raro, com peso e lentidão, e que é avaro com sua confiança, que distingue quando confia, que dá sua palavra como algo seguro, porque sabe que é forte o bastante para mantê-la contra o que for adverso, mesmo “contra o destino” —: do mesmo modo ele reservará seu pontapé para os débeis doidivas que prometem quando não podiam fazê-lo, e o seu chicote para o mentiroso que quebra a palavra já no instante em que a pronuncia. O orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da responsabilidade, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e o destino, desceu nele até sua mais íntima profundidade e tornou-se instinto, instinto dominante — como chamará ele a esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua consciência¹⁹.

Neste ponto, cabe destacar dois tipos de conceitualização dada pelo genealogista ao termo consciência. Já que o tipo de “consciência” que emerge dessa relação e que produziu o “indivíduo soberano”, possuidor do livre arbítrio será denominada por Nietzsche como *Gewissen*²⁰, isto é, sua consciência moral, distinta da consciência *Bewusstsein*, entendida como “a consciência de origem biológica e que aborda todos os sentidos, impulsos”²¹.

Portanto, depreende-se desse relato genealógico que o “próprio registro da memória veio-a-ser, e esse devir tem bases fisiopsicológicas”²², pois envolveu a relação

¹⁸ Cf. NETO, In: Dic. Nietzsche, p.204-205, “esquecimento entendido como força orgânica, promotor de uma espécie de assepsia psíquica nos seres vivos. Teria um papel profilático que evitaria o acúmulo excessivo de lembranças desnecessárias. Portanto, sinônimo de saúde e vitalidade.

¹⁹ GM, II, §2, p. 45, KSA -V, p. 309.

²⁰ Cf. MARTON In: dic. Nietzsche, p. 154 a 156: consciência moral surgida “sob a pressão da forma primitiva de organização social” que permitiu por meio da violência, que o indivíduo internalizasse todos seus instintos.

²¹ ITAPARICA, In. DIC. NIETZSCHE, 2016, p. 156-157.

²² GIACOIA, 2004, p.29.

fisiológica ao provocar a dor física buscando relacionar com a relação psicológica que remetesse a uma memória da vontade.

Seria o autêntico problema do homem, de acordo com Nietzsche, criar um animal que pode prometer e com isso torná-lo, “igual entre iguais, constante e, portanto, confiável”. E é isso o que irá caracterizar também a fraqueza causada por todo esse mecanismo que implicou a impossibilidade de não poder esquecer e, posteriormente, já como “indivíduo autônomo supramoral, de vontade própria” que já não quer esquecer.

Sendo assim, o surgimento da memória teria sido marcado pela dor, castigo e punição, visto que “Jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória”²³. Isso fez com que o homem se tornasse capaz de fazer promessas e viver em sociedade. Eis a mnemotécnica²⁴ da dor descrita por Nietzsche na segunda dissertação de *Para a genealogia da Moral* em que “grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória”²⁵. Nietzsche descreve alguns exemplos de procedimentos de crueldade utilizados, dentre eles constam; apedrejamento, empalamento, pisoteamento por cavalos, a fervura em óleo, e foi com esses meios e

Com ajuda de tais imagens e procedimentos, termina-se por reter na memória cinco ou seis “não quero”, com relação aos quais se fez uma promessa, a fim de viver os benefícios da sociedade — e realmente! com a ajuda dessa espécie de memória chegou-se finalmente “à razão”! — Ah, a razão, a seriedade, o domínio sobre os afetos, toda essa coisa sombria que se chama reflexão, todos esses privilégios e adereços do homem: como foi alto o seu preço! Quanto sangue e quanto horror há no fundo de todas as “coisas boas”!²⁶

Por essa razão que a crueldade, moldada pela mnemotécnica da dor, foi um instrumento fundamental para a criação e de uma memória para transformar o animal em um sujeito capaz de fazer promessas. Além disso, ela permitiu o amansamento do animal e assim acaba por internalizar toda a descarga de pulsões e instintos que acaba por atacar o próprio indivíduo. Diante disso, a crueldade se apresenta como a “semente da má consciência”²⁷.

²³ GM, II, §3, p. 46, KSA V, p.321.

²⁴ Segundo YATES, em seu livro *A arte da memória* 2007, p.18, citando Cícero e seu *De oratore*, que considera o poeta grego, Simônides de Ceos, que viveu de 556 a.C. a 468 a.C., como o inventor da arte da memorização que “busca a memorização por meio da técnica de imprimir ‘lugares’ e ‘imagens’ na memória”. Essa técnica é classificada como mnemotécnica.

²⁵ GM II, §3, p.31, KSA -V, p. 310-12 .

²⁶ *Ibidem*, p. 47.

²⁷ BARRROS in: DIC. NIETZSCHE, 2016, p. 168.

Entretanto, somente por meio desse processo que foi possível tornar o homem “melhor” e que permitiu a “construção” da vida em sociedade. Logo, podemos questionar se isso não teria sido necessário, utilitário positivo e bom para a vida de toda a humanidade? No entanto, responde o filósofo alemão: “O que em geral se consegue com o castigo, em homens e animais, é o acréscimo do medo, a intensificação da prudência, o controle dos desejos: assim o castigo doma o homem, mas não o torna ‘melhor’”²⁸.

Portanto, o processo que irá implantar a obediência e a responsabilidade no “homem civilizado”, possui suas origens no castigo, na punição, na dor e sofrimento. Porém, essas origens haviam sido esquecidas e foram, para a crítica de Nietzsche, interpretadas pelo estudo de alguns utilitaristas denominados de “psicólogos ingleses, aos quais até agora devemos as únicas tentativas de reconstituir a gênese da moral, como algo que surgiu como um fim utilitário”²⁹.

Por essa razão que, para Nietzsche, o conceito de punição precisa ser erradicado do mundo, “que o manifestou inteiramente! Não há erva mais daninha!”, pois fez com que a existência se transformasse e fosse sentida como punição³⁰. Por isso, reflete que,

Como seria aliviado o sentimento geral da vida, se juntamente com a crença na culpa nos livrássemos do velho instinto de vingança e olhássemos como sutil inteligência dos felizes o fato de bendizer seus inimigos, como o cristianismo, e fazer o bem aos que nos ofenderam! Vamos retirar do mundo o conceito de pecado — e enviar logo atrás dele o conceito de castigo! Que esses monstros banidos passem a viver em outro lugar que não entre homens, se de fato querem viver e não perecer do próprio nojo!³¹

Nietzsche aponta que a moral surge, inicialmente, como um meio de conservar e de permitir a vida em comunidade assim como impedir que essa seja arruinada, posteriormente, aparece como meio de manter essa mesma comunidade “numa certa altura e numa certa qualidade. Seus motivos são temor e esperança”:

e serão tanto mais rudes, vigorosos, grosseiros, quanto ainda for bastante forte a inclinação ao errado, unilateral, pessoal. Os mais horrendos meios de intimidação têm de ser aí empregados, enquanto outros mais suaves não surtirem efeito e essa dupla espécie de conservação não puder ser alcançada de outra forma (entre os meios mais fortes está a invenção de um Além com um eterno Inferno). Nisso tem de haver martírios da alma e carrascos para eles. Outros degraus da moral e, portanto, meios para os fins assinalados são as ordens de um deus (como a lei mosaica); outros mais, ainda mais elevados, são os mandamentos de uma noção absoluta do dever, com o “tu deves” — todos os degraus ainda talhados grosseiramente, mas amplos, porque os homens ainda não sabem pôr os

²⁸ GM, II, § 15, p. 66, KSA -V, p. 336-37.

²⁹ Ibidem, I, §1, KSA -V, p. 271.

³⁰ A, I §13, p.20.

³¹ Ibidem, §202, p. 237.

pés nos mais finos, mais estreitos. Depois vem uma moral da inclinação, do gosto, e enfim a da inteligência — que está acima dos motivos ilusórios da moral, mas percebeu que durante largos períodos a humanidade não pôde ter outros³².

Portanto, o filósofo alemão irá constatar que essa má consciência primitiva irá transformar o devedor em culpado, em pecador, e irá “infectar e envenenar todo o fundo das coisas com o problema do castigo e da culpa”³³. Esse castigo terá o propósito e intenção de provocar no culpado “o sentimento de culpa, nele se vê o verdadeiro *instrumentum* dessa reação psíquica chamada ‘má consciência’, ‘remorso’”³⁴. Com isso, o esquecimento, que era tido como natural no homem, foi suspenso por toda carga psíquica de culpa e pecado. Somente assim, isto é, com essa suspensão que foi possível criar a memória. Agora o homem além de não poder esquecer, ele não irá querer esquecer, surgindo assim, a memória da vontade.

Por essa razão que a má consciência causa vergonha e traz consigo todo o incômodo da culpa e remorso, fazendo com que o sujeito se sinta em constante insegurança e desconfiança, pois mede suas ações com base em um juízo externo. Desse modo acaba tratando suas ações como proibidas como algo

que não se devia fazer [...] a ação é seguida do sentimento de desaprovação ou de reprovação em relação a algo que, sim, é feito e até refeito, mas a voz da consciência sussurra e acusa: “não podia, não devia ter sido feito!” Sim, é o remorso. [...] um sentimento de auto-censura, de auto-reprovação em relação á desobediência, transgressão ou violação de um princípio superior [...] que de algum modo foi interiorizado e assumido como norma e mesmo princípio diretor da “voz da consciência”³⁵.

A consequência disso se apresenta no fato e na característica de que o homem é invadido e se torna marcado pela “invasão da consciência pelos traços mnemônicos, a memória integrada à consciência, formando, assim, uma prodigiosa memória”³⁶. Sendo assim, a memória se torna um fardo, já que o sujeito é marcado pela impossibilidade de esquecer.

A causa maior para este problema aparece no fato de que a má consciência se torna um fardo psicológico ao sujeito, impedindo seus atos, pois “atravessa, perpassa e

³² HH II, AS, §44, p.156.

³³ GM II §22, 2009, KSA -V, p. 347.

³⁴ Ibidem, §14, p. 64.

³⁵ FOGEL, 2003, p.76.

³⁶ DELEUZE, 1976, p.55.

perfaz não só toda a ação presente, perdurando, mas também e principalmente o seu movimento de volta, recuo, enfim, recordação ou memória, vendo sempre o feito como o que precisava ser desfeito”³⁷. O sujeito fica preso à consciência de um ato passado no qual não consegue se livrar. Com esse ciclo repetido entre “moer e remoer da recusa e da reprovação em relação ao feito que não devia ter sido feito”.

Nesse sentido e nessa estrutura de pensamento repleta de memórias que não conseguem ser afastadas do momento presente e que podem ser consideradas, do mesmo modo, como ressentimento, visto que, conforme Fogel (p. 72), este sentimento “é sentido e ‘re-sentido’ [...] antes, durante e depois da ação, isto é, tal sentimento de remorso se faz a *repetição* revigoradora da “ação vergonhosa”. Desse modo, “essa má consciência torna-se um terrível veneno para a ‘alma’, o ‘coração’ e o ‘ânimo’”³⁸.

O que leva ao fardo da memória carregada de lembranças se apresenta no fato de que, por sentir-se culpado por algo que no seu entendimento não deveria ser feito, o sujeito carrega essa má consciência diante do seu ato, visto que tenta “*redimir-se*, resgatar, reaver, readquirir – repetir! E o caminho que então e imediatamente se mostra para cumprir tal exigência é o da *volta* (do retorno, do retrocesso)”³⁹. No entanto, como não consegue sucesso nessa tarefa de voltar sobre determinado ato para tentar analisar e reaver aquilo que ele considerou como o dano ocasionado por sua ação e, assim, recuperar sua inocência, o sujeito se vê como culpado. Essa culpa será carregada de remorso e isso caracteriza não somente sua má consciência, mas revela o seu afeto irmão e complementar, isto é, o ressentimento. Além disso, essa dívida que fora contraída permanecerá impagável e não apagável de sua memória, já que ela seguirá sempre repetindo, retroagindo e sendo ressentida em sua consciência. Isso irá afetar diretamente o sujeito, já que

Todo o esforço, toda a energia é só para trás. Todo horizonte da vida se transforma em “só de volta”. Não há mais futuro, o porvir, que é a dimensão privilegiada da vida finita, que é a vida de tarefa, de por-fazer – enfim de criação na e como movimento de auto-superação. E nessa estrutura não há mais *esquecimento*, que é o lugar da ação. Assim se acumula a memória constante e sempre presente no sujeito incapaz de *esquecer*. Essa memória será sua fonte de ódio, de vingança, de ressentimento. O ato praticado e percebido como *não devia, ou não poderia* volta a memória e é “re-petido”, “re-sentido”. Perde-se a incapacidade inocente do querer agir sem qualquer imobilização moral. A vida

³⁷ FOGEL, 2003, p.77.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem, p. 173.

se transforma em um fardo, degenerescência. Mas não bastaria carregar isso com e para si. É preciso imputar isso no *outro*, se *eu não devo*, logo o *outro* também não *deverá*⁴⁰.

Desse modo, como não consegue a superação dessa carga negativa, o sujeito será tomado pela degenerescência, sem que consiga esquecer, perdoar, agir, livre de ressentimentos, já que sua memória estará carregada e dominada por juízos repreensíveis. Logo, diante dos *outros*, se tornará um mascarado “juiz moral”, com sede de vingança. Esse que “permanentemente levam na boca, como baba venenosa, a palavra justiça e andam sempre de lábios em bico, prontos a cuspir em todo aquele que não tenha olhar insatisfeito e siga seu caminho de ânimo tranquilo”⁴¹. O indivíduo, quando não consegue combater seu “inimigo” e não tendo força para tal, não conseguirá esquecer. Desse modo, desejará eliminar seu oponente, mas como não consegue, não possui nem coragem nem força para tamanha tarefa, irá carregar essa mágoa, essa doença em si. E como alerta Nietzsche: “quem deseja matar seu rival deve ponderar se com isso não o eterniza dentro de si”⁴².

Além disso, suas ações serão conduzidas por uma memória carregada de ódio, desejo de vingança e ressentimento. Com isso acaba por formar um ideal de vida, um motivo para viver e agir, um sentido ancorado no ódio. Mas como alerta Nietzsche: “Todo ideal pressupõe amor e ódio, adoração e desprezo. “Ódio e desprezo são, a exemplo, para todos os ideais de ressentimento, o *primum mobile*”⁴³.

A ferramenta, que irá representar essa gregariedade, essa limitação do agir instintivo e falsificador do mundo é a linguagem, expressa no uso da palavra, e transformada em racionalidade. O culto à verdade que passou pelo sentimento e ideais metafísicos e esse amor ao conhecimento e à verdade a qualquer preço, tem hoje como herdeira a ciência, como a forma mais atualizada do ideal metafísico.

Portanto, neste ponto de nosso estudo e após apresentarmos todo esse aparato da má consciência repleto de pesados elementos mnemotécnicos, podemos nos questionar e retomar o nosso foco de investigação, isto é: Até que ponto o ódio expresso na vida contemporânea do atual século das redes sociais virtuais não seria uma forma atualizada

⁴⁰ Ibidem, p. 174.

⁴¹ GM III, §14, p.104, KSA V, p. 385.

⁴² A, §406.

⁴³ No original: “Jedes Ideal setzt Liebe und Haß, Verehrung und Verachtung voraus. Entweder ist das positive Gefühl das *primum mobile* oder das negative Gefühl. Haß und Verachtung sind z.B. bei allen Ressentiments-Idealen das *primum mobile*” (FP, 1887-10[9], KSA – XII, p. 458-9).

de má consciência e que busca estabelecer uma mnemotécnica ancorada na dor? Visto que o discurso de ódio virtual estabelece uma relação de juízo moral ao condenar determinada manifestação.

Sendo assim, esse discurso procura, por meio da manifestação agressiva e do discurso violento, estabelecer uma relação de culpa, remorso e reprovação diante da ofensa manifestada. E nisso podemos supor se não seria uma relação que busca criar uma memória da dor. Se antes essa relação, conforme Nietzsche, era estabelecida por diversos instrumentos que provocavam a dor física para que fosse criado o animal responsável, agora, no ambiente virtual, essa dor não seria buscada no âmbito psicológico? Visto que se revela e se expressa no sentimento de culpa provocado no *Outro* ao se estabelecer o que deve ou não ser expresso no ambiente virtual. Desse modo a linguagem se vincula ao sentimento agressivo do discurso de ódio.

Até este ponto do nosso artigo foi possível resgatar o processo de formação da “memória”, bem como analisar as sementes e posteriores raízes da doença da má consciência. Desse modo percebemos suas características desde seu surgimento. Dando continuidade ao nosso estudo, nosso propósito é investigar, na seguinte seção, as aproximações dos conceitos e fenômenos até então estudados.

Portanto, diante dessa hipótese, podemos levantar a questão de até que ponto a má consciência e o ressentimento, assim como o culto à verdade, podem estar assumindo, no atual século e no ambiente virtual manifestado no discurso de ódio, novas formas de manifestações?

As aproximações entre Nietzsche e a contemporaneidade

De posse dos conceitos e interpretações das obras de Nietzsche que foram revisitados neste trabalho, surge, a partir disso, a possibilidade de se promover algumas *provocações* visando um posicionamento *perspectivo e extemporâneo*. Desse modo, nosso intuito é experimentar trabalhar com essas ideias em comparação ou aproximação em uma análise com a contemporaneidade. Portanto, diante disso que indagamos: qual seria a atualidade da má consciência? De que maneira as teorias e ideias de Nietzsche teriam a contribuir com a modernidade do século 21 para analisar os seus fenômenos buscando por relações e proximidades?

Mas quais são os elementos e indícios que sustentam a possibilidade dessa tentativa especulativa e hipotética de se guiar por essa tarefa? Visto que trabalhar os conceitos e ideias de Nietzsche para além de seus escritos torna-se uma árdua tarefa com diferentes desdobramentos e implicações. Por essa razão, é tarefa a quem se propor a isso ter que abusar do caráter especulativo.

Tecnociência – internet, redes sociais e discursos de ódio virtual: novas roupagens da má consciência?

Na atualidade do século 21, no campo da internet e suas redes sociais virtuais é possível constatar o avanço do fenômeno denominado de discurso de ódio virtual. Com isso, esse ambiente se tornou um campo propício para diversos ataques em que, por vezes, determinado perfil de usuário expressa um discurso agressivo, predominado por ódio, raiva e desejo de punição.

O discurso de ódio virtual é um fenômeno recente, percebido no atual século em meio às novas ferramentas da tecnociência e que se manifesta nas redes sociais. Redes sociais são ambientes de interação virtual que surgiram no ambiente da rede mundial de computadores, a internet.

Nesse artigo trataremos esse ambiente virtual pelo conceito de ciberespaço que, na definição de Pierre Lévy é o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores”⁴⁴. Com o avanço das novas tecnologias que foram fornecidas e propiciadas pela tecnociência do atual século, diversas redes sociais surgiram e permitiram seu acesso por pessoas de diferentes lugares do globo. Esse ambiente de mútuas e diversas interações permitiu a exposição de discursos variados e de diferentes manifestações do comunicar. Assim, essas novas ferramentas possibilitaram a troca de conhecimentos e informações.

Entretanto, possibilitou, de igual modo, o conflito ou a intensificação deste, em que surgem manifestações de discursos violentos com o agravante do sujeito se manter sob o sigilo de um perfil virtual. Devido ao surgimento massivo de discursos marcados pelo ódio que surge nesse ambiente um fenômeno que foi denominado como discurso de

⁴⁴ LÉVY, 2009, p. 93.

ódio. Visto que o que predomina nesse e que justamente lhe dá o nome é o sentimento e a manifestação do ódio. Desde seu surgimento enquanto fenômeno esse discurso se disseminou e pôde ser percebido em diferentes redes sociais e sites de diferentes culturas e países.

É por meio deste ambiente virtual, o ciberespaço, que os sujeitos praticam a violência simbólica expressa pelo discurso. Assim, “os indivíduos cometem ilícitos, propagam mensagens de conteúdo violento, podendo assim, violar direitos dos demais usuários”⁴⁵. Entretanto, a manifestação e expressão de ódio não se apresenta como novidade na vida cotidiana marcada e rodeada por conflitos. O que se destaca neste ciberespaço é a maior possibilidade de manifestação e propagação desses sentimentos hostis. Dessa maneira permite a união de pessoas, de maneira organizada, em torno e a favor do ódio. Portanto, o ciberespaço, com destaque para as redes sociais, se tornou “facilitador para a propagação e expansão de um chamado ‘discurso de ódio’”⁴⁶. Mas o que caracteriza e como se define e delimita esse discurso de ódio? O que une pessoas por esse sentimento? O que esse discurso objetiva alcançar e promover? Qual a capacidade de contaminação e propagação deste tipo de discurso? Analisaremos tais questões em seguida.

O discurso de ódio não somente se disseminou e se desenvolveu, mas ainda se desenvolve com tamanha amplitude que levou a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a estudar e pesquisar o tema. A conclusão do estudo resultou na produção do documento que “fornece uma visão global da dinâmica que caracteriza o discurso de ódio online e algumas das medidas que foram adotadas para combatê-lo e atenuá-lo”⁴⁷. O documento que leva o título de “Enfrentando o discurso de ódio online”⁴⁸ teve como objetivo buscar lições mais amplas a partir de uma série de situações empíricas”⁴⁹.

Extraímos desse documento o seguinte conjunto de definições que caracterizam o discurso de ódio em resposta ao questionamento levantado: O que é exatamente o discurso de ódio online? O documento da UNESCO considera as expressões que defendem e

⁴⁵ SANTOS, 2016, p.8.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ GAGLIARDONE, 2015.

⁴⁸ Ibidem. No original “Countering Online Hate Speech” (Tradução nossa)

⁴⁹ Ibidem.

incitam ao dano e que ameaçam ou encorajam atos violentos, preconceituosos e intolerantes buscando degradar ou desumanizar, seja a um determinado grupo ou a indivíduos⁵⁰. Uma função a destacar no fenômeno, conforme o documento, é permitir que outras pessoas com semelhantes opiniões de ódio saibam que não estão sozinhas, assim é reforçado um sentimento de união e pertencimento a um determinado grupo em torno de um propósito comum. Por essa razão o discurso de ódio “une e divide ao mesmo tempo. Cria ‘nós’ e ‘eles’”⁵¹, ou seja, existe a separação entre aqueles que concordam com o conteúdo e as ofensas que são expressas pelo ódio e aqueles que sofrem tal ofensa.

Assim percebemos a característica e capacidade do fenômeno em unir e organizar, formando alianças, mesmo que virtuais. Mas em que afinidade? Por que essas pessoas se unem para um propósito deste tipo?

Contido no próprio nome que foi dado ao fenômeno já se produz a resposta, isto é, o ódio que une, que identifica e manifesta essa aliança por algo que faça sentido, que dê prazer. Mesmo que esse movimento e fenômeno de ódio não produza nada e esteja ancorado no nada ele atrai mais e mais pessoas.

Essa união por esse propósito produz juízes morais e virtuais que julgam e condenam tudo e todos. Sentem-se no direito de dizer o que é bom e o que é mau. O que é certo e errado. Ou seja, não admitem nada diferente do que pensam. Assim, devido as suas expressões de afetos característicos, transformam o ambiente virtual numa espécie de tribunal virtual, contaminando com ódio, juízos e, em diversos casos, manifestações e desejo de vingança. O intuito é humilhar, desumanizar, rebaixar as pessoas. Provocar o sentimento de culpa e remorso, fazer com que o humilhado seja atingido em sua consciência por uma manifestação virtual que, no entanto, tem efeitos reais. Nesse caso não seria isso tudo uma forma atualizada de má consciência, conforme vimos em Nietzsche?

Nesse ambiente de interações virtuais em que variados objetivos se expressam, algumas situações que seriam propícias à interação saudável e amistosa se transformam em um conflito que oferece o ambiente ideal para o embate. Esse embate desencadeia o discurso de ódio. Isso é facilitado pela possibilidade de o usuário não ter obrigação de se

⁵⁰ Cf. *ibidem*, p.10.

⁵¹ *Ibidem*, pp. 11. No original: “[...] unites and divides at the same time. It creates ‘us’ and ‘them’”. (Tradução nossa)

identificar e assim se manter oculto, em sigilo. Isso proporcionado por trás de um perfil de usuário virtual. Dessa maneira, o sujeito pode covardemente expressar seu real sentimento sem que haja punições diretas e legais.

Má consciência e mnemotécnica da dor: as possíveis aproximações com o discurso de ódio

Diante da descrição dos conceitos feita até esse ponto de nosso estudo, podemos relacionar as seguintes aproximações entre o discurso de ódio virtual e a má consciência, visto que, se já considerarmos de maneira hipotética essas manifestações como conforme descrito por Nietzsche, delimitaríamos pela presença de um violento e desmedido ódio direcionado ao *outro*, assim como do incessante desejo de punição e de vingança. Assim como ocorre no sujeito com a consciência pesada, isto é, contaminado pela má consciência, o perfil odiador das redes sociais, apresenta por vezes um ódio que é manifesto em sua “postura que pode se tornar presente nas situações que julgamos mais sadias e justas, como no caso da reivindicação de direitos de algumas minorias”⁵².

Como visto nos capítulos anteriores, a característica da má consciência está contida na descrição de que o sujeito não se contenta em denunciar “os crimes e criminosos, quer os culpados e responsáveis e culpa os outros por seu infortúnio”⁵³. Não seria essa característica do usuário da internet propagador do ódio? Aquele que não produz justiça, mas a quer e não se contenta em denunciar segundo ele os “crimes e criminosos”, ele quer culpados e quer provocar essa culpa, esse sentimento. E essa manifestação tende a ocorrer nas redes sociais quando, por exemplo, surge um fato novo, seja cultural, político ou social. Por essa plataforma os usuários julgam e expressam suas opiniões, ora exigindo punição ao sujeito, isto é, que seja feita a “justiça”, ora expressando palavras de ódio por xingamentos. Querem e clamam por justiça, assim como instigam e estimulam com suas postagens que seja feita tal justiça. Mesmo que essa seja instigada e incentivada a ser produzida pelas próprias mãos.

No entanto, a dita justiça nesse ambiente aparece em frases como “bandido bom é bandido morto”, “mereceu”, “menos um para roubar”, etc. Assim, a manifestação

⁵² FEILER, 2018, p.27.

⁵³ DELEUZE, 1976, p.56.

aparece de dois modos; ou instiga o ódio à determinada ação, ou exprime esse ódio após fato dado e noticiado, como a prisão de um infrator, por exemplo. Além disso, o discurso odioso ocorre entre os próprios usuários. Esses se unem com o propósito de destilar sua raiva contra determinado grupo, indivíduo ou entre si.

No presente artigo, tratamos essa união de usuários na internet como uma espécie de *rebanho virtual*, que expressa o neologismo da *cibermoral*. Visto que seu objetivo é manifesto pelo discurso em que objetiva apontar o que se deve e como se deve ou não proceder. Se algo está em desacordo com suas crenças e opiniões atacam de forma agressiva, seja individualmente, seja em grupo. Assim, percebe-se a união do *nós* contra *eles*. Dos *bons* contra os *maus*.

Portanto, até que ponto essa manifestação de ódio não seria uma nova mutação, roupagem e expressão atualizada da má consciência e da sua mnemotécnica da dor? Os indícios que nos levam a essa suposição se justificam nas manifestações que são expressas pelos odiadores, tais como ódio, desejo de justiça a qualquer preço, assim como a vontade de impor sua dita verdade, de provocar o sentimento de culpa, de remorso, e de contaminar os demais com toda essa carga negativa de sentimentos hostis.

Logo, não seria uma nova manifestação da má consciência em uma nova roupagem adaptada as modernas formas de interação do atual século?

Considerações finais

Ao considerarmos a imensa velocidade com que informações são disseminadas através dos mais diversos veículos de comunicação atual, somos levados, automaticamente, a inquerirmos sobre em que medida tais informações possuem ligação com a realidade. Ou seja, em que medida estas informações são capazes de ampliar conhecimentos relacionados a realidade, no sentido de promover um aumento de cultura. Contudo, antes de avaliarmos o teor epistemológico destas informações, é preciso, antes, detectarmos o seu teor psicológico, reportando a intenção com que se as veiculam. A pergunta por estas intenções aponta para os valores que sustentam todo este conteúdo cibernético. Não raro, nos deparamos com uma carga efusiva de ódio a perpassar imensos conteúdos disseminados pelo ciberespaço. A pergunta que se estabelece é o porquê do ódio tão avassaladoramente veiculado aos meios de comunicação. Nietzsche fez uma

constatação muito similar em seu tempo com relação aos meios de comunicação da época: os jornais. Os quais os qualifica como engodo, mentira, esterco, lixo. Razão pela qual ele mesmo passou a se recusar a ler os jornais.

Ora, Nietzsche, classificou a postura que fomenta tais jornais como posturas contaminadas pelo ascetismo que provoca diminuição, culpa e enfraquecimento daqueles instintos que comandam o aumento e afirmação da vida. Toda esta carga ascética repercute em modificar a direção da força: não uma força que se expressa para fora criativamente, mas que se recolhe para dentro reativamente, em forma de uma consciência que se fixa na memória pela moral, portanto, uma má consciência. E é com base na má consciência que Nietzsche via a fonte propulsora dos jornais de seu tempo, carregados com o instinto do ódio, do ressentimento que debilita e degenera a vida. O sacerdote ascético encontrou nos jornais um canal eficaz de disseminação de seu instinto de baixaza, mediocridade e rancor a impedir o avanço e a superação da espécie. Tal como Nietzsche constata no ódio e no rancor presente no fenômeno jornalístico de seu tempo, também somos levados a usar como chave de interpretação para o fenômeno do cibermoral, hoje vivenciado no chamado ódio veiculado pelas redes sócias. O que nos leva a crer ser este não um fenômeno novo, mas que já perfaz, pelo menos, um século.

Logo, tanto as diversas técnicas de memória, veiculadas pelos mecanismos propagadores da cultura moral ocidental, como os diversos espaços cibernéticos que permeiam os velozes meios de propagação de informações, consistem em poderosos e eficazes meios pelos quais a força se manifesta contrariamente ao seu aumento e propagação. A diminuição e retração da força se expressa em um movimento de conservação e preservação de todo o conteúdo mnemónico, resultando em uma consciência moral, marcada pelo rancor e pelo ódio. O fenômeno da mnemotécnica, responsável pela letargia das forças, marca a cultura que se traveste nos diversos atributos da tecnologia, principalmente nas dimensões de eficácia e produtividade e que, na maioria das vezes, se traduz em superficialidade e mediocridade.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

- FEILER, Adilson Felício. *Nietzschian Considerations About Obstacles to Action in Face of Consciousness – Bewusstsein – and Conscience – Gewissen*. International Journal of Philosophy. 2018; 6(2): 23-31.
- FOGEL, Gilvan. *Conhecer é criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.
- GAGLIARDONE, I. et.al. *Countering Online Hate Speech*. UNESCO Paris: 2015.
- GIACÓIA JR., Oswaldo. *O humano como memória e como promessa*. Petrópolis: Editoras Vozes, 2004.
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio para uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2005. [Edição de bolso]
- _____. *Genealogie zur Moral*. In: COLLI, von Giorgio; MONTINARI, Mazzino (Herausgegeben). Kritische Studienausgabe. Berlin: Verlag de Gruyter, 1999. Bd. 5.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *Humano, demasiado humano - volume II*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- _____. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- _____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *O anticristo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo. Editora 34. 2009.
- MARTON, Scartlett [Org.]. *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- YATES, F. A. *A arte da memória*. Trad. De Flavia Bancher. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTOS, Marco Aurelio Moura dos. *O discurso de ódio em redes sociais*. São Paulo: Lura editorial. 2016.

Recebido em 27/03/2020
Aprovado em 08/05/2020